

Carlos Emanuel Sautchuk  
(UnB)

Um dos fatores associados ao ressurgimento nos últimos anos das abordagens etnográficas sobre cultura material é, sem dúvida, a caracterização de fazeres e técnicas no âmbito das políticas de patrimônio cultural. *Alfaiatarias em Curitiba* é um bom exemplo deste movimento. Financiado pelo Edital de Identificação e Registro do Patrimônio Imaterial da Fundação Cultural de Curitiba, o livro não apresenta um formato acadêmico *stricto sensu*. Com o objetivo expresso de apresentar um “registro menos árido e o mais acessível possível ao público em geral” (14), a narrativa etnográfica não envia a comparações, conceitos ou discussões teóricas.

Ainda assim, e diferente de algumas pesquisas voltadas ao registro cultural, *Alfaiatarias...* tem o mérito de não proceder a reificações. É bem verdade que a tensão tradição vs. modernidade e o fantasma do desaparecimento do ofício estão presentes, mas eles exprimem dilemas próprios à alfaiataria, não pressupostos analíticos ou metanarrativas. Assim, longe de uma defesa da autenticidade cultural ou de um passado glorioso, o leitor depara estudo criterioso e atento às dinâmicas atuais, ressaltando “tanto o movimento do ofício quanto o ofício em movimento” (14). Ou seja, se estamos diante de uma etnografia que aborda a alfaiataria pela relação entre corpo, gestos e artefatos, isto é visto em articulação com as mudanças em sua prática nas últimas décadas.

A expansão do jeans nos anos 1960/70, a abertura para a importação de tecidos e vestimentas chinesas nos anos 1990 e a difusão das confecções industriais constituem o panorama de transformações profundas. Além da migração dos alfaiates para serviços menores – aluguel, ajustes, reformas, outras vestimentas –, há aqueles que permanecem produzindo o “verdadeiro terno artesanal”. Assim, justamente neste contexto de mudança é que os autores veem surgir uma tradicionalidade da alfaiataria – como estratégia de manutenção da especificidade da prática artesanal em contraste com a padronização da produção industrial. Uma clientela menor e mais elitizada é atraída pelo valor do “sob medida”, de modo que “a morte anunciada da

alfaiataria não deixa de alimentar a sua permanência e a nostalgia que compõe o cenário do seu fim, por ironia, contribui, em alguma medida, para sua continuidade” (76). Adicione-se outro aparente paradoxo, apontado com perspicácia pelos autores, que é o de caracterizar como patrimônio imaterial uma arte cosmopolita por definição, que se difundiu no século XIX com o capitalismo, ainda que assumindo traços locais.

Trata-se de um belo livro, por dois motivos. Antes de tudo, a forma. As dimensões reduzidas (15x15 cm, capa dura) são um desafio à utilização sistemática da fotografia; porém, salvo pequenos excessos no desenho gráfico, a solução é muito feliz. Sem arvorar-se ao monopólio da linguagem etnográfica, a fotografia dialoga com a escrita, tomando a frente, cedendo o passo ou compondo em conjunto, conforme o assunto abordado. Dentre os oito capítulos, dois são compostos unicamente pela narrativa visual; o lugar deles na obra e os temas que abordam são prova da inclusão criteriosa da imagem. No capítulo três, “Lugares”, os fotogramas coloridos registrados por João Machado expõem o espaço interno das alfaiatarias. A ênfase é dada nas relações: com o exterior (a cidade pela janela, os clientes e fornecedores pelo telefone etc.) e internamente. Da inter-relação entre objetos e pessoas depreende-se a especificidade dos dois espaços que o mestre alfaiate deve interligar – o de contato com o cliente (medidas, provas) e o de confecção. A visão da distribuição de objetos e pessoas no espaço expõe a dinâmica do trabalho da alfaiataria – que vai do gosto e do corpo do cliente ao acabamento de um paletó.

No capítulo cinco, “Fazeres”, as imagens também dizem tudo sozinhas, e o fazem muito bem. Vigoram aqui os closes de manipulações, da relação íntima com os artefatos (tecidos, agulhas, tesouras, máquinas de costura), em gestos de precisão, velocidade, coordenação. A narrativa evolui para paletós semiprontos, com as marcas da atuação do alfaiate, e fecha com o produto final. O conteúdo exclusivamente fotográfico nos capítulos sobre lugares e fazeres transcende em muito a mera ilustração. Focalizando a prática concreta do ofício, onde a linguagem escrita muitas vezes é pobre em recursos, as imagens evidenciam aspectos fundamentais da alfaiataria, como a relação com os objetos e os gestos deste ofício regido pela precisão das habilidades manuais. Presente ao longo de todo o livro, a fotografia articula-se de modo complementar com a escrita etnográfica.

A eles junta-se um terceiro plano, paralelo e com relativa independência, configurado pelas notas históricas laterais. Elas tratam de diversos assuntos – do surgimento do terno (expressão que indica três componentes: calça, colete e paletó) como vestimenta da burguesia inglesa ao aparecimento da microfibras, passando pela inovação técnico-estética implicada na ideia de “caimento”. Entretanto, nestes pontos o pesquisador ou o leitor mais interessado ressent-se ainda mais da ausência ao longo do trabalho das indicações de fontes bibliográficas e de literatura relacionada ao tema. Outro reparo é a falta de dados socioeconômicos sobre a atividade.

O livro aborda também as relações com clientes, fornecedores e a indústria da confecção, e finaliza com um glossário. Porém, seu ponto alto é o capítulo quatro, “Técnica e aprendizagem”, situado no meio da obra, entre os dois capítulos fotográficos. Aqui a etnografia ilumina fatores importantes, fazendo da descrição da formação dos atuais mestres alfaiates a indicação de aspectos relevantes para a reflexão sobre o aprendizado de habilidades técnicas.

Em primeiro lugar, afirma-se que não existem etapas fixas no aprendizado. Ainda que a formação dos alfaiates dependesse de uma decisão precipitando a transição do jovem do ambiente da família para aquele da alfaiataria

(implicando escolha e aposta) e que houvesse funções diversas na hierarquia do ofício, as trajetórias individuais mostram que a constituição do alfaiate é contínua e muito variada.

A este ponto associa-se valiosa observação, dando conta que as habilidades técnicas manuais não se reproduzem de forma mecânica: “o aprendizado da alfaiataria não se resume [...] à aplicação fac-símile de determinados procedimentos” (43). O aperfeiçoamento das medidas, do corte, tudo isto envia apenas aparentemente à ideia de repetição. Conclusão que remete à expressão conhecida no âmbito dos estudos sobre a motricidade, de que a destreza é fruto da “repetição sem repetição”, isto é, do processo de refazer à exaustão um gesto que nunca é de fato o mesmo. Isso porque a essência da habilidade não está em criar um padrão fixo de movimento, mas em tornar-se mais sensível e flexível às mínimas variantes que se impõem a cada execução.

Nos termos dos autores, “o aprendizado da alfaiataria não é nem mera padronização de gestos e uso de objetos nem mera acumulação de conhecimentos linearmente encadeados” (51). Tal constatação é valiosa porque faz pensar não em termos de transmissão, absorção ou interiorização de conhecimentos e procedimentos pelo indivíduo, mas na integração do neófito numa ordem de experiências próximas, mas sempre únicas, dadas pelo ofício. Essa inversão de perspectivas faz a conhecida relação entre o domínio de uma técnica e a constituição de identidades ser tratada em termos de uma ontologia simultânea do trabalho e do trabalhador. Não há aqui novidade do ponto de vista teórico, mas as abordagens etnográficas mostram, em geral, certa dificuldade para lidar com isso, daí o mérito de *Alfaiatarias...*

Assim, a expressão “a alfaiataria é o alfaiate” (56) torna-se especialmente densa. Por um lado, convergem para a pessoa do alfaiate três aspectos deste ofício. A lida cotidiana com clientes, funcionários e fornecedores, tendo em vista as particularidades de cada encomenda, e a materialização dessa conjuntura em resultados esteticamente eficazes. Mas tal só é possível a partir do corte e do acabamento que caracterizam o serviço de determinado alfaiate. E nisto estão implicados tanto os gestos do próprio mestre quanto os instrumentos que estendem seu corpo, como tesouras, dedais e agulhas. Aqui os dados nos fazem perguntar, inclusive, se máquinas e outras pessoas não seriam tidas igualmente como extensões do alfaiate, tendo em vista que agem sob a égide do seu corte.

Uma vez estabelecido o quadro do ofício, é possível então apreender todo o sentido de se caracterizar a formação do alfaiate enquanto uma “liturgia do corpo adaptado e adaptando-se aos movimentos e instrumentos de trabalho” (51). Este processo não remete ao esforço solipsista do aprendiz e seu corpo, mas deve ser considerado tendo em vista a configuração mais ampla do ofício. O cuidado em articular corpo e ofício – habilidades individuais e processos técnicos – é que funciona como garantia empírica da seguinte proposição, arremate da elegante empresa etnográfica deste trabalho: “ao consolidar-se nesses gestos, o aprendiz consolidava em si a alfaiataria e a si mesmo na alfaiataria” (48).

---

*Carlos Emanuel Sautchuk é professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília e pesquisador do Laboratório de Antropologia da Ciência e da Técnica*